

Adrenalina Futebol Clube: sobre amizade e rivalidade no futebol praticado por mulheres*

Caroline Almeida¹

Daniela Novelli²

Luciano Jahnecka³

Melina Ayres⁴

Carmen Silvia Rial⁵

Universidade Federal de Santa Catarina

Conferindo importância para a diversidade de intencionalidades e trajetórias de mulheres praticantes de futebol para fazer parte da constituição de um grupo, o presente texto⁶ se propõe a significar as categorias de *amizade* e *rivalidade* as quais são colocadas em constante tensionamento em uma equipe da cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Através de algumas ferramentas etnográficas assinalamos como a noção de *projeto* é reconfigurada por estas duas categorias. Assim, o futebol e suas praticantes passam a exercer possibilidades de invenção de existência, bem distante dos tempos de sua proibição.

Giving importance to the diversity of intentionality and trajectories of women football practitioners to be part of the constitution of a group, this paper aims to mean the categories of *friendship* and *rivalry* which are placed in constant tension on a team in the city of Florianópolis, Santa Catarina. Through some ethnographic tools we signalize how the notion of *project* is reconfigured for these two categories. Thus, football and its practitioners start to exercise possibilities of invention of existence, very far from the days of its prohibition.

Palavras-chave: Futebol – Amizade – Projeto – Competição – Feminilidade

Keywords: Football – Friendship – Project – Competition – Femininity

* Adrenalina Futebol Clube: friendship and rivalry in football played by women

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, CFH/UFSC. Endereço para correspondências: Rua Coronel Carlos Wenceslau Pacheco, 1156, Carianos, Florianópolis, SC, 88047-530 (almeidacarol@yahoo.com).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, CFH/UFSC, Campus Universitário, Florianópolis, SC, 88040-900.

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, CFH/UFSC, Campus Universitário, Florianópolis, SC, 88040-900. Bolsista da CAPES.

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, CFH/UFSC, Campus Universitário, Florianópolis, SC, 88040-900.

⁵ Professora dos programas de pós-graduação em Antropologia Social e Interdisciplinar em Ciências Humanas, CFH/UFSC, Campus Universitário, Florianópolis, SC, 88040-900.

⁶ Este artigo é uma versão modificada do texto elaborado durante a disciplina “Métodos Antropológicos” (PPGICH/UFSC), ministrada por Carmem Silvia Rial, Miriam Pillar Grossi, Mônica Soares Siqueira e Tânia Welter no primeiro semestre de 2011.

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (Art. 54 do Decreto-Lei 3.199/41).

A epígrafe acima faz parte do Decreto-Lei de 14 de abril de 1941 que estabeleceu as bases da organização do desporto no Brasil através da criação da Confederação Nacional de Desportos (CND) e dos Conselhos Regionais. Dentro dessa ordem, algumas modalidades esportivas praticadas por mulheres ficaram um tanto quanto inibidas por alguns anos. Entre elas, destaca-se o futebol, prática que permaneceu quase totalmente praticada por homens até 1979, quando foi revogada a proibição imposta logo no início do período conhecido no país como “regime militar”⁷. A Deliberação n.7/65 reafirmava a disposição de 1941, listando agora as modalidades esportivas indesejáveis: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e baseball” (CASTELLANI FILHO, 1994; p. 63).

Jean Williams (2007; p. 5) aponta uma questão arbitrária atribuída à imagem das jogadoras observada já na origem do futebol. Segundo a autora, tal imagem foi construída entre o fim do século XIX e primeira metade do XX, na Inglaterra. Entre outros atributos, o futebol tem em sua fundação elementos que reforçavam a condição de *manly Sport*. Muitos continuaram a defender tal imagem “viril”⁸ desse esporte na Inglaterra dos anos de 1920 ao proibir que equipes de mulheres participassem da *Football League* ou da *Football Association*. Com o passar dos anos, essa norma reguladora inicial acabou levando a invenção do mito de que as mulheres que se submetiam à prática *manly sports* assumiriam essas características “viris”.

Por outro lado, a FIFA – *Fédération Internationale de Football Association* – fundada em 1904, levou cerca de setenta anos até assumir de forma gradual e um tanto quanto relutante o controle da prática feminina do futebol. Na década de 1980, por conseguinte, a própria FIFA instruiu suas associações filiadas a tomarem as organizações de tais práticas como parte integrante de sua jurisdição (CAVAN *apud* WILLIAMS, 2007; p. 15).

⁷ Assinalamos uma inibição mais do que uma proibição pois é possível encontrar práticas que subvertiam esta ordem principalmente nos primeiros anos após o decreto. Um exemplo são os registros historiográficos encontrados na pesquisa de Luiz Carlos Rigo e colaboradores (2008), onde o futebol praticado por mulheres na década de 50 foi até certo ponto permitido enquanto uma apresentação exótica e tendo uma repercussão local, então quando este futebol começa a ganhar autonomia recorre-se à proibição.

⁸ “Manly” é traduzido aqui como “viril”.

Adrenalina Futebol Clube: sobre amizade e rivalidade no futebol praticado por mulheres

C. Almeida, D. Novelli, L. Jahnecka, M. Ayres & C.S. Rial

É importante salientar que foi durante a década de oitenta também que a Confederação Brasileira de Futebol (filiada à FIFA) apoiou a “Taça Brasil Feminina de Futebol”⁹.

De uma forma geral, Williams (*Op. Cit.* p. 1) sugere uma *periodização da história do futebol feminino mundial*, baseada em quatro etapas: a primeira de aproximadamente 1890 até meados de 1920, quando se buscava tanto espaço no meio social quanto a propagação¹⁰ do esporte; a segunda etapa, que abrangia até o final da década de 1950 e se caracterizaria por uma série de protestos contra a exclusão da mulher nesse esporte; após esse período, há uma reorganização de associações de mulheres para a prática do futebol, que culmina em 1990 com um processo de fusão e integração a partir das Copas e da inclusão dessa modalidade nos Jogos Olímpicos em Atlanta.

No Brasil é possível reconhecer um movimento por uma reorganização desse esporte e contra esse padrão normatizado pelas leis proibitivas entre as décadas de 1970 e 1980. Embora de maneira autoritária¹¹, desde 1975, o CND vinha adquirindo uma postura diferenciada com relação à prática esportiva no país (OLIVEIRA, 2009; p. 395). O país adotou um modelo de organização esportiva constituído em quatro áreas: esporte comunitário, esporte estudantil, esporte militar e esporte classista. Entre os frutos, estão os Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs), Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) e a Loteria Esportiva. Pode-se dizer que o Estado vinha assumindo uma postura diferente também em ao incentivo da iniciativa privada junto ao desporto de alto rendimento. Talvez também seguindo uma tendência mundial cunhada no crescimento da audiência esportiva. Afinal, a década de 1970 também trouxe ao Brasil, a transmissão ao vivo e a cores e, as imagens e discursos produzidos pelo esporte estão entre os mais assistidos do mundo (RIAL, 2002; p 16). Revogar o Decreto n. 7/65 talvez pudesse ser só questão de tempo.

Dessa forma, a partir da década de 1980 clubes de futebol de mulheres pipocaram por todo país. Franzini (2004; p. 325) afirma que esse período foi marcado pela criação de departamentos da modalidade para mulheres em vários clubes tradicionais e a fundação da equipe feminina do Radar no Rio de Janeiro. Já em Florianópolis, há registro de um time representante da cidade já no início dos anos 1980¹², porém, ao que tudo indica, o esporte só ganhou mais força entre as mulheres no final da década e início da década seguinte – nos clubes,

⁹ A primeira Taça Brasil aconteceu no ano de 1983, tendo a equipe Radar do Rio de Janeiro como campeã.

¹⁰ No livro *A beautiful game*, Williams aborda a propagação do esporte entre as mulheres em quatro casos específicos: Estados Unidos, China, Inglaterra e Austrália.

¹¹ Fala-se autoritária porque se tratava de um modelo fechado e militarista composto e decidido por uma junta militar.

¹² O jornal catarinense O Estado de 3 de julho de 1983 faz referência na página 9 à Ação Esportiva de Florianópolis como uma equipe de futebol praticado por mulheres.

associações de bairro e até mesmo várzea. No vídeo *Deixe-me Ir*¹³, Maycon Melo (2009) aborda, além da prática do futebol por mulheres pelo Avaí Futebol Clube durante o Campeonato Estadual de 2009, indicações da retomada da prática desse esporte em Florianópolis através do relato de Karla, uma das jogadoras. Em entrevista, ela conta como começou a “jogar bola”:

Eu jogo desde treze quatorze anos, comecei com um time de bairro. Aqui no nosso bairro. (Aqui no Pantanal?) Onde o meu tio fez um time. A gente se juntou e disse: vamos fazer um time? Vamos. Colocamos um time, começamos a ganhar todos os campeonatos daqui. (E ele jogava também?) Não, não. Ele simplesmente gostava de nos ver jogar. Ele via que a gente brincava de jogar aqui e disse: vamos fazer um time porque vocês jogam muito. Então a gente começou a fazer. A gente começou a jogar... Terminamos de fazer um time, a gente ficou um tempinho, acho que uns três anos. Depois em seguida tem o campo do Corinthians aqui em baixo, no bairro do Pantanal mesmo, onde eles fizeram um time feminino. Onde eu comecei a jogar meu futebol mesmo (MELO, 2009).

O depoimento de Karla remete a década de 1990, quando há uma percepção dessa procura de mulheres, principalmente muito jovens, pelo esporte. Nas palavras de Karla, se evidencia uma intenção pela continuidade do “jogar”, não apenas como uma brincadeira ou mera distração. De certa forma, seu discurso se assemelha ao apresentado por Arlene e Sharlene, integrantes do time pesquisado, o Adrenalina Futebol Clube¹⁴. Mesmo tendo uma distância temporal de quase uma década, as motivações apresentadas acabam por confundir-se em falas semelhantes: “a gente se juntou”; “vamos fazer um time?”, entre outras.

Partindo do contexto do futebol praticado por mulheres no Brasil e no mundo, este trabalho se propõe a apresentar uma pesquisa etnográfica realizada sobre o futebol amador praticado por mulheres em Florianópolis, Estado de Santa Catarina. A pesquisa foi conduzida com o objetivo de caracterizar a articulação das relações de *rivalidade* e *amizade* vivenciadas pelo Adrenalina FC.

¹³ Realizado em 2009 por Maycon Melo e produzido pelo Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos de Imagens (NAVI) da Universidade Federal de Santa Catarina, aborda a prática de futebol por mulheres no Avaí Futebol Clube, clube que possui o status de “profissional” pelos contratos feitos com homens, o que não acontece no futebol “das mulheres”.

¹⁴ Deste ponto em diante chamado de Adrenalina FC.

Adrenalina Futebol Clube: sobre amizade e rivalidade no futebol praticado por mulheres

C. Almeida, D. Novelli, L. Jahnecka, M. Ayres & C.S. Rial

Adrenalina Futebol Clube: configurações

O Adrenalina FC é um time de futebol suíço amador praticado por mulheres. Criado em 2009, pela Arlene e a Marília com o objetivo de “se divertir”, desde então se reúne todos os sábados das 17:00 às 18:00 “Golaço Floripa”: um espaço composto por dois campos de grama sintética para a prática de futebol suíço, localizado no Campeche, bairro do sul da Ilha de Santa Catarina. O time tem esse horário fixo de campo reservado, pagando mensalmente¹⁵ para garantir o espaço para os treinos.

A recente história do Adrenalina FC é revelada já pela *escolha do nome* do time, conforme nos relatou Sharlene (filha de Arlene e jogadora do time): “A gente tentou entre amigas, entre elas, alguma coisa ligada a feminino, só que a gente é muito explosiva e solta muita energia” e “Adrenalina simboliza a dispersão de energia, a gente pensou em raio, relâmpago” (Sharlene, Entrevista, 21 de maio de 2011). Ao longo de nossa experiência etnográfica, percebemos a importância desta escolha e como este nome caracterizava o grupo em questão. Ao mesmo tempo, através deste trecho da entrevista, é possível identificar qualidades que passam a nominar o que seria próprio do feminino e outras dimensões próprias do grupo, disruptivos dos “femininos” históricos que passam a qualificar o “feminino” do futebol através da “virilidade”.

O Adrenalina FC era composto por dezesseis jogadoras no momento da pesquisa – entre elas duas goleiras (Bibi e Priscila) – um técnico (Édson), e um auxiliar técnico (Vinicius), ambos maridos de jogadoras – Édson é casado com Lúcia e Vinicius com Arlene. Reproduzindo uma lógica observada no chamado “futebol profissional”, as funções administrativas são exercidas por uma presidente, neste caso arrecadar dinheiro para pagar o campo, organização de rifas, entre outras, é Arlene.

Em relação à composição do time, destaca-se aquilo que poderíamos chamar de *heterogeneidade*, pois é composto por mulheres de 16 a 45 anos, com níveis diferentes de escolaridade: algumas com o segundo grau incompleto, outras estudantes universitárias e algumas com cursos de pós-graduação. Algumas delas são donas de casa, outras trabalham “fora”; algumas já têm filhos e muitas vezes vão aos treinos acompanhadas por eles e por seus maridos ou namorados. Um aspecto importante é o fato que a maioria das jogadoras mora no Campeche (bairro onde está localizada a quadra) ou em bairros próximos, o que facilita a participação nos treinos.

Para fazer parte do Adrenalina FC não bastava o simples interesse em jogar futebol, pois o ingresso de cada nova jogadora deve ser feito “por convite”, conforme destacou Vinicius (Entrevista, 21 de maio de 2011).

¹⁵ Cada uma das jogadoras contribui com R\$ 25 por mês para pagar o aluguel do campo.

Este pareceu ser um requisito muito importante para o grupo, além de manter relações de proximidade entre as praticantes: “a pessoa vê que vale a pena pedir desculpa em campo, na verdade nós somos um grupo, vale a pena conhecer cada uma, mesmo com defeito, mesmo sem defeito, nós somos um grupo e ali é uma amizade” (Arlene, Entrevista, 21 de maio de 2011).



Figura 1

Sob o olhar atento do técnico Édson, o time está nos primeiros momentos de um treino.

Adrenalina FC e nós: construindo escolhas etnográficas

Embora reconhecendo as posturas que cada vez mais minimizam a *distância entre o pesquisador e o seu objeto de estudo* como foi discutido por Gilberto Velho (1978) e Roberto Damatta (1981) e em outras oportunidades, os autores apontam dois tipos de relações, denominadas “exótico” e “familiar”. Nos termos de Damatta, “a) transformar o exótico no familiar e/ou b) transformar o familiar em exótico”¹⁶ (1981; p. 157). Ou ainda como assinala Velho (1978; p. 43), quando o objeto é familiar, ou próximo ao pesquisador, será continuamente revisto e reformulado. O autor ainda destaca que:

¹⁶ Damatta associa estes dois movimentos com momentos da Antropologia. O primeiro movimento – transformar o exótico em familiar – faz parte do primeiro movimento da Antropologia; já o segundo é o que está ocorrendo na atualidade, quando a disciplina começa a observar a realidade na qual está imersa.

Adrenalina Futebol Clube: sobre amizade e rivalidade no futebol praticado por mulheres

C. Almeida, D. Novelli, L. Jahnecka, M. Ayres & C.S. Rial

Esse movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros (VELHO, *Op. Cit.*, p. 43).

Portanto, as diversas relações de familiaridade e distanciamento entre nós e o Adrenalina FC contribuíram para um olhar múltiplo, mas ao mesmo tempo integrador, pois permitia que aquele que não tinha conhecimento sobre o futebol consultasse com quem dominava suas regras e, ao mesmo tempo, quem não conhecia profundamente este esporte acabava chamando a atenção para outros aspectos, também importantes para a pesquisa.

Além do estranhamento e/ou familiaridade com o futebol, vale destacar também que cada um de nós provinha de uma área de formação distinta: Educação Física, Moda, Comunicação Social e História, o que também contribuiu para a observação através de prismas diferentes, mas que finalmente se complementaram. Éramos quatro cabeças pensando, oito olhos, ouvidos e mãos, captando informações, interpretando, construindo e reconstruindo significados; isto fez de nossa pesquisa uma experiência diversificada. Desta forma, diferentes saberes e trajetórias contribuíram para o trabalho etnográfico do grupo na medida em que fizeram parte de processos *experenciais, interpretativos, dialógicos e polifônicos* da etnografia.

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades (VELHO, 1999; p.47).

Assim, a própria *posição do antropólogo* se faz recortada por diferenças e descontinuidades, onde o estranhamento “é antes de tudo um estranhamento de si mesmo; portanto para o pesquisador um movimento interno do pensamento no seu exercício com os conceitos teóricos e com as experiências no grupo estudado” (CAIAFA, 1988; p. 22).

Se nos primeiros contatos com as interlocutoras observamos de “fora” da quadra e com os terminos dos treinos participávamos de conversas um tanto de reconhecimento entre “nós” e “elas” no “bar” do Clube, em certo momento uma das pesquisadoras do grupo foi convidada a assistir o treino em uma “Área VIP”,

como definiu Vinicius, o auxiliar técnico do time. O ingresso foi facilitado pela condição de Melina compartilhar o espaço de atuação profissional com duas praticantes e também por naquele dia estar com uma câmera fotográfica na mão. Em outras oportunidades, todos nós estávamos na “Área VIP”, uma delas bem peculiar, a condição de árbitro nos treinos¹⁷.

Um convite para atuar como árbitro surgiu na ausência de Édson (técnico do time). Não por acaso a figura de um homem foi conferida para desempenhar esta função, assim como outra tarefa exercida por Édson, a função de dividir os times passou ao cargo do auxiliar técnico Vinicius. Naquele dia algumas praticantes também não participaram do treino ou chegaram momentos depois do treino ter iniciado, como o caso da goleira Bibi. Desta forma, em um primeiro momento Luciano foi convidado para participar do treino como goleiro; porém, com a chegada da Bibi, Vinicius aproximou-se e perguntou: “Tu queres apitar?”. A condição de participação nestas duas funções (goleiro e árbitro) só foi possível por serem posições nas quais é admitida a “entrada” de homens, afinal, em outras posições “ele (homem) não vai saber brincar como a gente brinca” (Arlene, Entrevista, 21 de maio de 2011).

Estar nessa “área exclusiva”, além de uma visão privilegiada do treino, sem a intermediação de uma grade que separava a quadra do “público”, possibilitou-nos acompanhar mais de perto as falas do Treinador e do Auxiliar Técnico, assim como a possibilidade de ouvir as conversas entre as jogadoras que estavam em campo. Entretanto, estar à beira da quadra de futebol significava prestar atenção àquilo que acontece na quadra. Conforme coloca Melina em seu diário de campo, seu descuido com as ações do treino resultou em um acontecimento possível somente para quem está “dentro” da quadra:

Eu estava ali, na beira do campo. Nesse dia levamos um tripé e eu estava preocupada com fazer o melhor registro possível do treino. Num momento de distração a bola bateu bem no meio do meu rosto. Que dor! Todo mundo parou... mas eu tentei disfarçar: “continuem jogando, está tudo bem”. Mas na verdade não consegui nem abrir os olhos, depois disso fiquei imprestável! Fim de jogo para mim! (Melina, Diário de campo, 21/06/2011).

¹⁷ Amplamente utilizada, a concepção de fazer etnografia de Clifford Geertz conduziu-nos em parte no esforço de “... tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 1989; p. 20).

Adrenalina Futebol Clube: sobre amizade e rivalidade no futebol praticado por mulheres

C. Almeida, D. Novelli, L. Jahnecka, M. Ayres & C.S. Rial

Esta “bolada” assim como o fato de um dos pesquisadores participar do treino cumprindo a função de árbitro, trazem a tona o questionamento da *corporalidade* presente na interação com o grupo pesquisado, uma vez que ao mesmo tempo em que se “interpreta”, se está sendo “interpretado”. Tanto a pesquisa de Caiafa (1988) sobre o movimento punk, quanto a pesquisa de Braz (2010), sobre os clubes de sexo masculino, apontam para a centralidade da corporalidade no método etnográfico. Esta foi uma das categorias marcantes em nossa pesquisa, que nos deixou em situações que não sabíamos como resolver, ressaltando momentos em que somos obrigados a lidar com o conflito, portanto, ocupando algum lugar nesta interação:

No final do jogo Ana sai gritando e discutindo com Édson. Se unem a discussão Lúcia, Lia, Sharlene, Marília, Aline e Helena. Naquele momento “nós” queríamos ficar invisíveis. Escutar cada detalhe sem que nossa presença modificasse ou alterasse o rumo da discussão... Lúcia disse: Gente, temos visita! Nós ficamos com cara de “paisagem”, como se aquilo não fosse com a gente. No final a Ana disse para mim: Você adorou o meu bafão, foi tudo pro teu caderninho, né? (Melina, Diário de campo, 30/04/2011).

Nossa etnografia é também uma interpretação que foi marcada pela corporalidade. Além da observação, do registro e da análise, a intersubjetividade de quem pesquisa e de quem é pesquisado, pode ser reconhecida nessa escrita conjunta. Traçar uma narrativa dessa experiência significou considerar várias dimensões de nosso contato (muitas vezes corporal) com as praticantes do Adrenalina FC.



Figura 2

Na “área VIP” presenciamos de perto a disputa entre Marília e Thaís (esta última “com a posse da bola”).



Figura 3

Um dos momentos no qual o técnico Édson procura sistematizar as ações em quadra de um dos grupos. A interrupção momentânea nos treinos feita pelo técnico é pouco comum, embora seja utilizada, o que predomina são comentários feitos ao longo do treino.

Ao mesmo tempo com que fazíamos as observações de campo, selecionamos alguns *indivíduos-chaves* (FOOTE-WHYTE, 1980) para aprofundar algumas questões através de uma entrevista: Arlene, fundadora do time, na época cumpria a função de Presidente; seu marido Vinicius, auxiliar técnico do time desde seu início (há dois anos) e Sharlene, filha de Arlene e Vinicius e uma das praticantes que mais se destacava tecnicamente.

Como parte da multiplicidade de experiências “do lado pesquisador” a entrevista foi percebida também como um momento de desafio, na qual pudemos observar nossas próprias intenções em relação ao trabalho:

No dia da entrevista fiquei bastante apreensiva, pois não sabia como iríamos ser recebidos. Confesso que uma mistura de medo com euforia tomou conta de mim! Será que a tensão do campeonato irá aparecer nas falas deles (Arlene, Sharlene e Vinicius)?

Adrenalina Futebol Clube: sobre amizade e rivalidade no futebol praticado por mulheres

C. Almeida, D. Novelli, L. Jahneka, M. Ayres & C.S. Rial

Só lembrei de fazer poucas perguntas, deixando eles falarem bastante. Foram atenciosos, queriam falar muitas coisas... (Nota de diário de campo, Daniela, 21/05/2011)¹⁸.

Dentre outras formas de realização de entrevista, optamos por realizar a entrevista com a família de uma única vez, o que possibilitou a existência de um diálogo entre quem foi entrevistado. Não isenta de tensões nem por parte de quem entrevistava como na nota do diário, tampouco por quem era entrevistado, a entrevista foi filmada, colocando em evidência o uso de câmeras como “formidáveis propiciadoras de contatos” (RIAL, 2003; p. 96).

Do projeto Adrenalina FC: amizade e rivalidade

“Quando tu (Arlene) montaste foi para brincar, um time de amizade. Foi buscando as meninas para jogar, só que a gente gosta do esporte, entendeu?” (Sharlene, Entrevista, 21 de maio de 2011). Ao comentar a iniciativa tomada por sua mãe, Sharlene evidencia uma tensão na ideia da composição de um time formado por mulheres praticantes de futebol suíço. Esta prática também afirmada como “lazer” pelas praticantes vem se tornando cotidiana no Brasil e não deixou de ser analisada por alguns trabalhos (SILVEIRA, 2008; BATISTA & PIRES, 2009; FRANZINI, 2005). De certa maneira, se existe uma procura por tornar o futebol profissionalizado, coexiste um considerável número de praticantes que exercem outras profissões e fazem desta uma prática de lazer cotidiana.

Se, por um lado, em sua formação inicial, o Adrenalina FC consistiu em uma pretensão da manutenção de um horário semanal para a prática de um futebol entre mulheres que mantinham relações afetivas como um vínculo de amizade, por outro, o “gosto” pelo esporte remete à “busca” por novas “meninas para jogar” somado à participação do time em campeonatos envolvendo outras equipes, evidenciam-se *novas formatações e intenções das praticantes*. Esta composição pode ter iniciado com determinados objetivos mas que são alterados na medida em que se colocam novos questionamentos e situações.

O futebol praticado por mulheres há algum tempo vem ganhando legitimidade nos mais diversos meios. Nos últimos vinte anos a FIFA e suas associadas, passaram a organizar os campeonatos mundiais da modalidade.

¹⁸ Os principais temas e aspectos relatados na entrevista foram: a origem do time (formação inicial, escolha do nome, primeiro técnico); o significado percebido da figura da Arlene para o time; a relação mãe e filha dentro do campo; tensões antes e durante o campeonato; o futebol profissional praticado por mulheres; participação de homens no campo; o apoio dos familiares; o peso da torcida; o churrasco para aniversariantes; a festa de fim de ano; os reflexos da amizade em campo; a importância do emocional nos jogos e treinos; o gosto pelo futebol e o preconceito com jogadoras homossexuais.

A profissionalização ainda que embrionária, começa a dar sinais importantes no cenário internacional. No Brasil, por exemplo, nos últimos dois anos ocorreram disputas de clubes em nível nacional com uma “Copa do Brasil” e dois outros campeonatos latino-americanos chamados de “Libertadores da América”. Entretanto, as dimensões históricas de constituição da prática do futebol abordadas por Jean Williams nos Estados Unidos, China e Austrália, fazendo a ressalva de que “uma história do futebol das mulheres... deveria incluir o aspecto mais evidente, o recreacional, assim como os elementos competitivos” (WILLIAMS, 2007; p.39).

Neste trecho a autora chama a atenção para uma lacuna deixada pelos estudos das práticas de lazer voltadas para o futebol nos Estados Unidos, afinal este é um dos países onde a prática profissional do futebol praticado pelas mulheres tem grande aceitação e incentivo.

De acordo com a discussão feita durante a dissertação de Raquel Silveira (2008) e observada durante nosso trabalho de campo, não existem duas esferas separadas nas quais, de um lado estariam os valores associados ao esporte de rendimento como a seriedade, o trabalho e a retribuição econômica, e de outro a dimensão espontânea, o divertimento e esporte praticado como um fim típico de um esporte recreacional.



Figura 4

Técnico Édson organizando a “divisão dos times” em um treino. Na parte superior é possível perceber um dos mecanismos que coloca em funcionamento as disputas “competitivas” e “lúdicas” ao mesmo tempo, o quadro de marcação de gols.

Adrenalina Futebol Clube: sobre amizade e rivalidade no futebol praticado por mulheres

C. Almeida, D. Novelli, L. Jahnecka, M. Ayres & C.S. Rial

Durante os “treinos” do Adrenalina FC – como eram chamados os encontros para a prática do futebol – não se deixava de lado a contagem dos gols feitos pelas duas equipes em quadra, ainda que todas as praticantes fizessem parte de um mesmo time (Adrenalina FC). Tampouco dispensava-se a presença de um árbitro (função normalmente atribuída ao Auxiliar Técnico, Vinicius, e, durante algumas oportunidades, do observador-participante, Luciano) e das orientações do Técnico Édson, antes, durante e depois dos treinos. Estas orientações referem-se a questões técnico-táticas que iam de posicionamentos ocupados pelas praticantes na quadra, até mudanças na formação das equipes.

Conforme relatou Vinicius durante a entrevista, o “Adrenalina começou com a Arlene, a Marília, com poucas pessoas e hoje estamos chegando a atingir 16 meninas”, assim sendo, existiu um aumento considerável do número de praticantes para constituir o time. Os convites feitos para aumentar o número de participantes neste futebol fizeram com que o time recebesse praticantes com diferentes interesses e até mesmo diferenças técnicas no tempo de experimentação da prática do futebol. De certa maneira, as *diferentes intencionalidades* pelas quais o futebol é significado passam a ser constantemente direcionadas pela interação com o grupo.

Arlene ressaltou, durante a entrevista, que um dos momentos no qual são elaboradas as significações para a prática pelo grupo acontece quando acaba o treino: “as conversas depois do jogo são mais proveitosas para vocês verem adrenalina que a gente sai dali... na saída é mais explosão porque a gente jogou, quer ganhar, quer que a outra seja mais perfeita, que a outra se entrose mais no time” (Arlene, Entrevista, 21 de maio de 2011). Este “entrosamento” com o time remete a ideia de um “projeto” permanentemente colocado em jogo, no qual são decisivas as *trajetórias* dos indivíduos para delimitar as intenções *do e com* o grupo. Conforme a noção de “projeto” de Gilberto Velho (1999; p. 47), este planejamento de ações para alcançar certos objetivos depende de algumas variáveis relacionadas às *trajetórias próprias de cada jogadora*, ou seja, de seus projetos individuais e/ou coletivos.

Neste sentido, ao mesmo tempo em que se criou um time para “brincar”, iniciou-se uma divisão nas funções exercidas extra-campo, como as funções de Técnico, Auxiliar Técnico e Presidente. Além disso, é unânime a intenção de extrapolar o espaço dos treinos e participar de campeonatos vestindo o uniforme do Adrenalina FC, pois como Sharlene destacou durante entrevista, é “aquela coisa, competição, competição... já teve gente que saiu do time por não ter participado do campeonato” (Sharlene, Entrevista, 21 de maio de 2011). Mais do que um time para “brincar”, coletivamente existe uma procura pelo Adrenalina FC com o “brincar de competir” que está ligado a “amizade” constituída pelas praticantes e a “rivalidade” e disputa encontradas nos treinos e campeonatos.



Figura 5

Diferentemente de outros registros com maior espontaneidade, nesta foto “posada” pós-treino estão Arlene, Aline, Ana e Lia, desta maneira aguardavam o momento da fotografia. O pós-treino é um dos momentos de intensa sociabilidade.

Durante parte das observações feitas das conversas após o treino, foi possível verificar uma constituição do time composta por *amizade* e *rivalidade*. Se a amizade está ligada à idéia de “parceria”, no compartilhamento de espaços que extrapolam o campo e o tempo de “treino”, ao permanecer após os treinos no espaço do ginásio as praticantes comentam lances decorrentes deste momento, assim como aspectos presentes fora daquele espaço – como, por exemplo, suas atividades profissionais, relação com a família, entre outros. Em uma destas observações Marília comentou que “faltava parceria” nos contatos “fora” de quadra, justamente neste momento no qual as praticantes compartilham significados e interesses pelo futebol, mas que não se limitam à esta prática.

Por outro lado, Ana destaca a participação em um *projeto de time* que envolve a constituição de amigas ao afirmar a valorização positiva de algumas posições em detrimento de outras. No caso de Ana, naquele momento ela ocupava posições dentro do campo de jogo constituídas por ações defensivas, uma vez que, as posições que se ocupam das ações ofensivas da equipe são aquelas que seriam avaliadas como as mais prestigiadas. No seu entendimento, participar da constituição de um “projeto” a partir de relações de amizade também passa pelas posturas tomadas “dentro da quadra”, afinal, como afirmou, “jogaria *pele* time nas diferentes posições” (nota de diário de campo, Luciano, 30 de abril de 2011).

Adrenalina Futebol Clube: sobre amizade e rivalidade no futebol praticado por mulheres

C. Almeida, D. Novelli, L. Jahnecka, M. Ayres & C.S. Rial

No que se refere às significações de “amizade” tomadas pelas praticantes do Adrenalina FC, outro ponto com merecido destaque nas considerações de Arlene durante entrevista, está ligado as questões de ordem corporal. Quando acontecem as disputas durante o treino, “a gente evita machucar a amiga, vai só na brincadeira”, embora, de certa maneira, quando acontecem contatos inesperados possíveis de “machucar”, “a pessoa vê que vale a pena pedir desculpa” (Arlene, Entrevista, 21 de maio de 2011).

Para estabelecer vínculos mais próximos e densos de afetividade entre as praticantes, além de permanecer após o horário de treino para conversar, outras formas de socialização ajudam a promover a interação no Adrenalina FC. Por exemplo, confraternizações são agendadas quando alguma das praticantes é aniversariante e, no final de cada ano, é realizado um “churrasco”, onde é possível conhecer mais sobre a vida de cada uma, como aspectos ligados ao “trabalho”, à “família”, entre outros¹⁹.

Por conta destas atividades, a construção de um projeto entorno do Adrenalina FC passa a ser significada e re-significada pelo contato entre as participantes. Como a inserção no grupo é feita por convites, por relações de parentesco, amizade ou relações estabelecidas no ambiente de trabalho, algumas praticantes desconhecem umas as outras no momento de sua “entrada” no time. Dentre estes convites, o Adrenalina FC passou a lidar com uma situação bem particular, integrar ao time duas praticantes de outros times considerados “rivais”. Os laços de pertencimento a este projeto tentam ser aproximados nestas atividades extra-campo, afinal, “o time tem duas jogadoras rivais, por isso tentamos fazer essa harmonia” (Vinícius, Entrevista, 21 de maio de 2011).

Assim, o Adrenalina FC está sendo considerado aqui um projeto em construção, por conta das questões relativas à “amizade” e à “rivalidade” com as quais as praticantes se defrontam no cotidiano de treinos, campeonatos, conversas e confraternizações. Esta aparente contradição gerada por praticantes “rivais” como falta de “parceria” retoma a pretensão deste projeto que não está isento de tensões, afinal existem diferentes trajetórias e diferentes visões com o futebol e outros meios de sociabilidade urbana que detonam formas de pertencimento mais ou menos compartilhadas pelo grupo. Este pertencimento a um grupo ativa múltiplas experimentações individuais e coletivas que vão transformando o projeto durante o tempo.

¹⁹ Tivemos a oportunidade de participar de um churrasco oferecido pelas jogadoras, Técnico e Auxiliar do Adrenalina FC realizado após um amistoso do time contra uma equipe de Ribeirão da Ilha. Estiveram presentes: Arlene, Sharlene, Vinícius, Édson, Thais, Taís e Érica. Foi um momento de confraternização, marcado pelo reconhecimento pelo nosso trabalho junto ao time, conforme percebemos pelas palavras de algumas delas. Também pudemos estreitar um pouco mais nossa relação com os presentes, pois histórias de vida e experiências pessoais foram compartilhadas. Ao final, entregamos à Arlene gravações e fotos dos momentos que estivemos acompanhando o time durante nossa etnografia e fomos convidados novamente para acompanhar o time em outros “jogos” (treinos, amistosos e campeonatos).



Figura 6

As cores das vestimentas e a forma de se vestir indicam algumas marcas da apropriação da mulher para artefatos até então construído para homens.

Considerações finais

Avaliamos como fundamental neste trabalho mapear o *contexto cultural mais amplo de nosso objeto de pesquisa*, por isso escolhemos uma narrativa que perpassa nos contextos mundial, nacional e regional. Fatos pequenos podem estar relacionados a grandes temas, pois “... de onde vem uma interpretação não determina para onde ela poderá ser impelida a ir” (GEERTZ, 1989; p. 34).

Nosso envolvimento com o mundo a ser investigado (GEERTZ, 1989) contribuiu para o importante “repensar antropológico” proposto por Damatta (1981), que deve passar necessariamente pelo mergulho no complexo trabalho de campo. Foi preciso *relacionar-se para descobrir*: mapear histórias, traços, nuances, produções, efeitos, contradições e experiências muitas vezes paradoxais desse grupo, movidos pelo desejo de um contato direto e intenso, nem sempre agradável.

Esta pesquisa nos permitiu vivenciar o “melhor da tradição etnográfica”, segundo Cláudia Fonseca (2006), *suscitar mais questionamentos do que respostas*. Desta forma, nossa etnografia sobre amizade e rivalidade apontou nuances atravessadas por outras categorias por meio das quais foi possível identificar como processos diversificados e dinâmicos de construção de relações intersubjetivas baseiam-se também, no caso do Adrenalina FC na *parentalidade* e na *homossexualidade* – que deverão ser encarados como desafios instigantes para novas indagações e olhares.

Adrenalina Futebol Clube: sobre amizade e rivalidade no futebol praticado por mulheres

C. Almeida, D. Novelli, L. Jahnecka, M. Ayres & C.S. Rial

Referências bibliográficas

BATISTA, R.S. & DEVIDE, F.P. Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina. *EF Deportes*, Revista Digital, Buenos Aires, 14(137), Outubro de 2009.

BRASIL, MINISTÉRIO DO ESPORTE. Art. 54 do Decreto-Lei 3.199/41 – Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: http://www.esporte.gov.br/cedime/legislacao/leisFederais/1941_NormasJuridicas. Acesso em 2 de Junho/2011.

BRAZ, CA. Mas agora confessa... – notas sobre clubes de sexo masculinos. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Revista Latino Americana, Rio de Janeiro, 4: 127-56, 2010.

CAIAFA, J. *Movimento punk na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CASTELLANI FILHO, L. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papyrus, 1988.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, 25(50): 315-28, 2005.

FONSECA, C. Classe e a recusa etnográfica. In: J. BRITES & C. FONSECA (Orgs.). *Etnografias da participação*. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2006. p. 13-34.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: J. BRITES & C. FONSECA (Orgs.). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. p. 13-41.

OLIVEIRA, M.A.T. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da ditadura (1964-1985). In: M. DEL PRIORE & V.A. MELO (Orgs.). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

RIAL, C.S. Pesquisando em uma grande metrópole: fast-foods e studios em Paris. In: G. VELHO & K. KUSHNIR (Orgs.). *Pesquisa em meio urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 69-88.

RIGO, L.C.; GUIDOTTI, F.G.; THEIL, L.Z. & AMARAL, M. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 29(3): 173-88, 2008.

SILVEIRA, R. da. *Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Porto Alegre: UFRGS, 2008.

VELHO, G. Observando o familiar. In: E.O. NUNES (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WILLIAMS, J. *A beautiful game: international perspectives on women's football*. Nova York: Berg, 2007.

Outras fontes

Entrevista com Arlene, Sharlene e Vinícius, conduzida por Caroline Almeida, Daniela Novelli, Luciano Jahnecka e Melina Ayres. Florianópolis/SC, 21 de Maio/2011.

MELO, M. Deixe-me ir. Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos de Imagens (NAVI-PPGAS/UFSC), Florianópolis/SC, 2009. Disponível em: <http://vimeo.com/22572161>. Acesso em: 4 de Julho de 2011.